

2

JOÃO LUIZ GONZAGA PEÇANHA (*)

CONSIDERAÇÕES GERAIS

SOBRE

A IMPLANTAÇÃO

DA REPÚBLICA NO BRASIL

ABSTRACT

Adaptation of the text about a lecture presented at the "Gabinete de Leitura Sorocabano" on November 18, 1989, at the opening of the Project "**Republican Sorocaba**", in commemoration of Brazil's Republic Centenary, promoted by SESC - Sorocaba and Municipal City-Hall and other institutions.

RESUMO

Adaptação do texto de uma palestra proferida no Gabinete de Leitura Sorocabano, em 18.11.1989, na abertura do Projeto "SOROCABA REPUBLICANA", comemorativo ao Centenário da República.

(*) Professor de História do Brasil na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba.

O Projeto "SOROCABA REPUBLICANA", desenvolvido pelo SESC e Prefeitura Municipal de Sorocaba, com o apoio de várias instituições, inclusive desta Faculdade de Filosofia, tem aspectos suficientes para se frigar num marco divisório entre o ufanismo a-funilador e o caminho para se chegar à verdade histórica. Isso porque envolveu pessoas e entidades de tendências e de filosofias diversas, mas com algo em comum:

- a busca do progresso no campo do conhecimento, por intermédio da verdade histórica, a qual não interessa aos que vêem as coisas pelo lado estático e, por isso, petrificam a imagem do mundo, como se este tivesse que ser sempre o mesmo, com mudanças apenas superficiais. Em função disso, manipula-se a História, às vezes declaradamente, às vezes sutilmente.

Como fonte de conhecimento, a História tem sido apresentada como "imutável", enfatizando-se que "o homem é o lobo do homem"; "os melhores sempre vencem" (demonstração do darwinismo mal digerido) e mais uma pérola de reacionarismo: "pobres e ricos sempre existirão". E ponto final!

E por aí se vai, num desfilar interminável de citações e exemplos para justificar a resistência a tudo que implique alteração nas condições de vida do ser humano em sociedade.

Segundo essa imagem petrificadora do mundo, a História deve se restringir à reconstrução do passado pelo passado, sem qualquer compromisso com o presente. Aliás, o passado, segundo essa visão, até que pode interessar ao presente, mas para solidificar a idéia de que a vida do ser humano deverá ser sempre o mesmo "vale de lágrimas" da maioria, para gozo e desfrute das minorias privilegiadas. Afinal, sempre foi assim... Uma História, portanto, reduzida ao culto do passado já morto. Um "esquecimento" de que

a História é gerada e progride através da humanidade.

Como objeto de estudo e de formação, o passado histórico só tem sentido quando considerado em função da compreensão do presente. Uma comemoração cívica, por exemplo, em escola de 1º e 2º graus, deve servir para lembranças segundo critérios que possibilitem o despertar para o presente. Do contrário, cair-se-á no vazio do civismo pelo civismo que leva os jovens ao desinteresse e ao conformismo. Ou seja, um resultado bem interessante para quem não quer saber de mudanças estruturais numa sociedade.

E é exatamente essa visão da História, com promissada com a problemática das mudanças sociais e com a liberdade, que nos leva a participar do Projeto "SOROCABA REPUBLICANA", dando destaque a alguns pontos que suscitam debates, como, por exemplo, a conotação dos interesses de classe da Proclamação da República, a conjuntura nacional a partir de 1850 e outros - sem ufanismos e com séria disposição de traçar um quadro histórico geral, dentro do qual se inserem as particularidades da participação sorocabana.

OS ANTECEDENTES

Começemos pelos chamados antecedentes que remontam à época colonial. São aquelas "verdades" que de tanto repetidas acabam aceitas sem questionamento.

Até pelo menos a primeira metade do século XIX, a idéia de nação no Brasil ainda era algo aquém de incipiente.

Os movimentos armados da época colonial e imperial, antes de 1870, durante os quais se falou em República, emergiram devido a causas locais, quando muitos regionais, sem nada daquilo que chamávamos hoje de projetos nacionais.

Ao nível local, tais movimentos eclodem sob a liderança de pessoas pertencentes às camadas privilegiadas social e economicamente, em defesa dos seus interesses face à exploração colonialista. A Inconfidência Mineira é um bom exemplo disto. Os conspiradores de Vila Rica pretendiam separar a região das minas de Portugal e não o Brasil todo. Além disso, a idéia de República ficou muito vaga entre eles.

A Conjuração Baiana, ou Revolta dos Alfaia tes, foi o movimento mais significativo e singular de todos ocorridos no Brasil colonial, do ponto de vista do ideário republicano e nacional. Seus integrantes deixaram clara a sua opção pela República, nos moldes franceses, e pretendiam estender o seu movimento para além da Bahia. No manifesto de 12 de agosto de 1798, chegam a falar em "Continente do Brasil". Também deixam clara a questão da liberdade, posicionando-se a favor do livre comércio e da libertação dos escravos.

No período imperial, dentre outras manifestações republicanas, cabe destacar a que se verificou durante a Guerra dos Farrapos, outro movimento com fortes componentes e motivações regionalistas. Foi gerado pela contrariedade do setor sulino ligado à pecuária, o qual sentia os efeitos do excesso de tributação imposto pelo governo regencial, em benefício do setor cafeeiro que já começa a empolgar o estado e direcioná-lo no sentido dos seus interesses. É isto o que sugere o manifesto de 29 de agosto de 1838, assinado por Bento Gonçalves e Domingos José de Almeida. Proclamou-se a República como solução para os problemas da província e ao mesmo tempo declarava-se a sua separação do restante do país.

Portanto, o que se nota nas manifestações republicanas anteriores a 1870 é a limitação regional do seu alcance, o que pode ser deduzido pelo exame dos documentos básicos reveladores das suas ten-

dências (exceto a Conjuração Baiana).

A PARTIR DE 1870

A 3 de dezembro de 1870, foi lançado o Manifesto Republicano no Rio de Janeiro, através da sua publicação no jornal "A República", por sinal empastelado quase dois anos após, em 27 de fevereiro de 1872, tendo, como fundo sonoro da operação, os gritos de "vivas" à monarquia, ao Imperador D. Pedro II e ao Visconde do Rio Branco e de "abaixo a República". No dia do ataque, encontravam-se no jornal os expressivos líderes republicanos: Saldanha Marinho, Lopes Trovão, Quintino Bocaiuva, Salvador Mendonça e outros.

Mas a Proclamação da República no Brasil não pode ser compreendida como mero resultado do Manifesto de 1870. A busca da sua compreensão deve se dar no contexto do Brasil de então, especialmente a partir de 1850.

Em 1850 foi aprovada a Lei Euzébio de Queirós, que proibia de vez a importação de escravos negros pelo Brasil. Em consequência, uma soma considerável de capitais empregados no tráfico negreiro ficou "liberada" e passou a ser empregada em diversos setores da economia, como indústria, transporte, comércio, agricultura, etc.. Sabe-se que lucros provenientes do setor cafeeiro também foram investidos em setores outros, diversos do café.

Os números que se seguem são bem sugestivos a esse respeito:

Expedição de Patentes:

- . 1831 - 1850: 21 autorizações expedidas para o funcionamento de indústrias.
- . 1850 - 1889: 1.471 autorizações expedidas para o mesmo fim.

Rede Ferroviária:

- . entre 1864 e 1889, houve crescimento de 475km pa

ra 9 583km

A partir de 1875, a importação de máquinas para indústrias passou a ocupar os primeiros lugares nas importações

A ligação desses números com o desempenho da economia cafeeira pode ser inferida a partir dos seguintes dados (fica pelo menos a sugestão):

entre 1851 e 1860, a exportação de café já atingia 48% das exportações;

entre 1881 e 1890, o café chegava a ocupar 61,5% do total das exportações.

O primeiro recenseamento oficial do Brasil, em 1872, acusou um total de 9.930.478 habitantes, com cerca de 300 mil imigrantes brancos e livres, número esse aumentado gradativamente, até a Proclamação da República em 1889, em mais ou menos 150 mil, perfazendo o total de 450 mil, predominando os italianos sobre os portugueses.

Números, quando aplicados a aferições da sociedade, ganham vida. E esses números que acabamos de apresentar permitem identificar mudanças qualitativas na sociedade brasileira de então.

A população urbana aumentou, assim como as profissões liberais. A imprensa passou a ter mais participação nos embates das idéias. O Brasil teve o seu centro deslocado de vez para São Paulo e Rio de Janeiro, enquanto o nordeste passou a plano secundário.

Uma nova elite social começa a emergir e a se impor por meio de representantes que têm uma fala nova em matéria de política: trata-se dos fazendeiros do oeste paulista, principalmente Campinas e adjacências.

Concomitantemente, emerge uma camada urbana intelectualizada, sem compromissos com a economia

agrária de exportação. É desta camada que surgem Silva Jardim, Quintino Bocaiuva, Lopes Trovão e outros. Serão eles que, aliados aos oficiais do exército, levarão o Movimento Republicano adiante e cujo discurso se orienta para a demolição do Império, a partir da década de 1870. Suas bases politicamente atuantes são formadas por juizes, promotores, delegados, advogados, médicos, comerciantes, professores, padres, jornalistas, etc..

Cabe aqui colocar a questão de como ficaram essas camadas médias, quando o Movimento Republicano passou a atingir pontos culminantes, logo depois da Proclamação da República.

Entre 1880 e 1889, ocorreu uma crescente adesão do setor cafeeiro, chamado progressista, ao Movimento Republicano. Esse setor conseguiu eleger deputados, como Campos Sales, um dos seus expoentes e, mais tarde, presidente da República entre 1898 e 1902. Tal adesão se explica pelo fato de que, se essa elite não assumisse posições ostensivas a favor da República, as camadas médias da população tomariam a dianteira na derrubada da monarquia e tenderiam, a partir daí, a conduzir o processo político.

A participação da elite cafeeira na derrubada do Império tornou-se, portanto, uma necessidade para não perder o lugar que vinha ocupando desde tempos remotos à década 1830-1840. Essa mesma elite assumiu o poder com a proclamação, dominando de forma e conteúdos oligárquicos até 1930.

O "DIA-A-DIA"

E dentro do quadro geral, como estava o cotidiano na época do exacerbamento da ação republicana? Quem levava em frente a propaganda republicana no interior de São Paulo, o maior centro de aceitação republicana?

Números bem significativos mostram que, em

tre 1870 e 1880, existiam cerca de 57 lojas maçônicas controladas por republicanos. A partir de 1880, deviam estar funcionando cerca de vinte Gabinetes de Leitura (o de Sorocaba era um deles) e cerca de 49 Clubes Republicanos. Entre 1870 e 1889, circularam em São Paulo aproximadamente 37 jornais republicanos.

Dentro desse quadro, é que entram os eventos tradicionalmente considerados como "causas" da queda do Império:

- As questões militares, que colocaram em confronto oficiais e parte da tropa;

- A questão religiosa, que envolveu a igreja contra o governo imperial e a maçonaria, questão esta bem explorada pelos propagandistas da República, os quais deram ênfase bem grande ao que parecia ser um problema menor;

- A Abolição da Escravidão, que desgostou os fazendeiros de café que ainda dependiam do trabalho escravo e que ficaram sem o mesmo e sem qualquer indenização após a Lei Áurea.

E esses eventos não foram "causas" da queda do Império, mas, sim, fatores que contribuíram para dar o empurrão definitivo no Império.

Caiu o Império a 15 de novembro de 1889.

A República foi escolhida para substituí-lo.

E o Brasil, a partir de então, passou a dançar sob a batuta dos fazendeiros de café até 1930.

Mas, daí, é uma outra História, para ser contada em outra ocasião, mas que está presente aqui...

-----*-----

- BELLO, José Maria. **História da República**. São Paulo, Nacional, 1976.
- COSTA, João Cruz. **Pequena História da República**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968.
- FELIZARDO, Joaquim J. **História nova da República Velha**. Petrópolis, Vozes, 1980.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo, DIFEL, 1972. (O Brasil monárquico; Tomo II, v. 5)
- JORGE, Fernando. **Cale a boca, jornalista!** 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1987.
- MARTINS, Ana Luiza. **República, um outro olhar**. São Paulo, Contexto, 1989. (Repensando a História)
- PESSOA? Reynaldo Xavier Carneiro. **A idéia republicana no Brasil através dos documentos**. São Paulo, Alfa-Omega, 1973.
- PINTO, Virgílio Noya. **Balanco das transformações econômicas no século XIX**. In **Brasil em perspectiva**. São Paulo, DIFEL, 1969.
- PRADO JUNIOR, Caio. **História econômica do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- _____. **Evolução política do Brasil**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- SOUZA, Paulo Cesar. **A Sabinada, a revolta separatista da Bahia (1837)**. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- SPALDING, Walter. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo, Nacional, 1980. (Col. Brasiliana).